

Paternidade e Adolescência

Alexandra Lúcio⁷¹

Não há texto nenhum sobre a adolescência que não apresente esta fase do crescimento do ser humano como um período conturbado e cheio de mudanças.

Mudanças externas e internas, mudanças fisiológicas, hormonais, psíquicas. Chegamos a nos questionarmos como é que se consegue sobreviver a um tal terramoto de transformações. Aliás muitos não sobrevivem. A mortalidade na adolescência continua a ser liderada pelo suicídio. Já para não falar dos comportamentos de risco, que levam à morte. Ainda tenho gravada a imagem de uma colega de liceu que adorava atravessar a estrada sem utilizar a passadeira e ficar no meio do fluxo dos carros, rindo às gargalhadas quando era buzinaada. Podemos considerar até que alguns, já adultos, ainda estão emaranhados nas escolhas que esta fase implica e obriga a fazer.

A adolescência é também o acordar da sexualidade. Impõe-se ao jovem uma escolha, e para a qual não há manual de instruções.⁷²

«Assim que ele vem ao mundo da linguagem, diz Laure Naveau (1998), e em particular nos momentos eleitos onde é intimado a fazer escolhas, o que é o caso da puberdade, o sujeito está a lidar com o real».

Laure Naveau fala do «real» da adolescência. Para os leigos a palavra é familiar, mas na orientação lacaniana o «real» é muito mais. Faz-me lembrar o filme *Encontro do 3º Grau*. A imagem da personagem interpretada por Richard Dreyfuss a tentar desesperadamente expressar o que viu, e o que vê constantemente nos seus sonhos, ao ponto de tudo na sua vida vacilar: casamento, filhos. Apenas uma expressão de incredulidade e de espanto. Assim é o real lacaniano.

⁷¹ Antena do Campo Freudiano, PAGMA (Projecto de Apoio a Grávidas e Mães Adolescentes).

⁷² O casal parental poderia aqui ser considerado o «manual de instruções», pelo menos o modelo a seguir.

Encontramo-nos com ele diversas vezes ao longo da nossa vida. São aqueles momentos em que não há palavras para dizer a coisa, onde há uma falta, uma falha na linguagem. As encruzilhadas pelas quais passamos ao longo das nossas vidas são encontros com o real e a puberdade é um deles, e por certo não é o menos importante.

Se o momento real que Freud chama a «puberdade» nos seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* é aquele em que se reactualizam as escolhas de objecto da infância e a relação com o ideal, é também aquele, como o escreve Alexandre Stevens no seu belo artigo *Adolescência, sintoma da puberdade*, em que há uma escolha quanto à «sexuation», à sexuação.

Achei também a puberdade exemplar para falar de um dos conceitos mais complexos da teoria lacaniana: o «Nome-do-pai». Lacan introduziu este conceito na psicanálise e trouxe-lhe acrescentos e modificações até ao último período do seu ensino. É também um conceito que parece ser colocado em causa e submetido a provas difíceis, nesta nossa época conturbada.

Primeiro que tudo, o que é um pai? Segundo a teoria lacaniana, não é uma pessoa, antes a autoridade que se funda na Lei fundamental e pacificadora.⁷³

O que é feito em «Nome-do-Pai» tem uma função que realiza operações indispensáveis ao equilíbrio de um sujeito. No entanto, algo paradoxalmente, Lacan diz que devemos prescindir do pai, na condição de saber servirmo-nos dele.

Expliquemos isso devindo-o em três:

1) Com a introdução do pai, o filho apreende que não está sozinho com a mãe.

2) O pai interdita a mãe ao filho, na condição que o que diz o pai seja aceite pela mãe, isto é, que a mãe faça caso da palavra do pai. Uma vez mais, não é da pessoa do pai que se trata aqui, mas sim da sua palavra. Como Lacan explica, tudo depende «do lugar que ela [a mãe] reserva ao Nome-do-Pai na promoção da lei». Citando Lacan novamente, «um pai só tem direito ao respeito e ao amor se o seu desejo é orientado para uma mulher, mulher essa de que ele faz a causa do seu desejo».

3) O pai autoriza ao Outro do saber. Ele abre, assim, o acesso à promessa que o futuro representa. A criança passa, então, de uma relação

⁷³ «A lei pacificadora, como diz Laure Naveau, é pacificadora se não for uma lei cega, uma lei sem desejo, mas a ausência de lei é em todo o caso devastadora e destruidora».

dual a uma relação ternária, o que compreende a escolha de um objecto outro que não a sua mãe e o seu pai.

A função do «Nome» («Non») do pai passa deste modo por um dizer «não» («non») que autoriza, permite.

No *Seminário V*, Lacan descreve o mesmo processo através dos três tempos lógicos do complexo de Édipo:

1º Tempo: a criança identifica-se com o objecto do desejo da mãe, ou seja, identifica-se com o que acredita faltar à mãe, pensando satisfazê-la.

2º Tempo: com a entrada em cena do pai graças à palavra da mãe aparece a privação.

3º Tempo: a autorização do desejo através da lei pacificadora. O pai é o portador da promessa futura.

Digamos, por fim, que a identificação ao pai simbólico traz à criança uma segurança, que se opõe ao pai ideal, o pai que idealizamos, mas que nos castra. O ideal exalta e deprime ao mesmo tempo.

O que é que se passa no momento da adolescência?

«No momento da adolescência, escreve Laure Naveau (2004), que é o momento do encontro com o outro sexo, trata-se de o sujeito libertar-se da autoridade parental. Libertar-se na condição de ter tido acesso à dimensão do Nome do Pai, de poder prescindir dele na condição de saber servir-se dele. É deste ponto de vista preciso que a adolescência se caracteriza por um relacionamento particular com o saber. Saber servir-se é um saber. É saber virar-se para um saber novo, e saber passar por um outro que tem esse saber».

A história do Daniel

No Programa destas Jornadas a minha intervenção intitula-se «Pais adolescentes». Mas como para mim é evidente que cada pai adolescente é único na sua singularidade, nas suas escolhas no seio da sua família, resolvi não falar de pais adolescentes, mas sim de um pai adolescente em particular.

Não acompanho esse «pai» em termos psicoterapêuticos. O meu acompanhamento até agora tem sido pontual e no âmbito do projecto que dirijo e que denominamos de PAGMA (Projecto de Apoio a Grávidas e Mães Adolescentes).

Trata-se de um jovem adolescente, com 17 anos; a sua namorada também é adolescente, mas maior, pois tem 19 anos. A ela é permitido coisas a que ele ainda não pode aceder, por exemplo, o mundo do trabalho. Ele também não pode participar nas saídas que organizamos sem a autorização dos seus pais.

Chamei-o «Daniel». O Daniel tem participado mais no PAGMA do que a namorada, a Íris. Ela teve uma gravidez que requereu uma atenção e acompanhamento médico redobrado. Logo, quem vinha ter comigo era o Daniel. Como trabalho numa Instituição Particular de Solidariedade Social, onde existem diversos departamentos de intervenção, acabei por conhecer toda a família do Daniel.

Conheci os pais no acompanhamento da procura de trabalho, as irmãs mais novas no apoio escolar que a associação proporciona e a irmã mais velha através do acompanhamento psicológico do meu colega, que de vez em quando vem me falar desta menina sem palavras.

O Daniel é o primogénito. Nasceu quando a mãe tinha 15 anos. O pai tinha mais 10 anos. Soube há pouco tempo que o pai do Daniel não reconheceu o filho. O porquê, continua a ser um mistério, mas o menino só teve o nome do pai quando já tinha 1 ano.

O Daniel parece ser um pilar importante na família. A Íris chegou-me a dizer que os pais abusavam e exigiam demasiado dele, ou seja, não lhe davam liberdade para estar com ela. O Daniel leva e vai buscar as irmãs à escola, ajuda-as nos trabalhos de casa, provavelmente dá-lhes o lanche, etc. Um pai galinha. Ele não parece desgostar da situação, pois nunca o ouvi queixar-se. Quanto aos pais, já ouvi queixas que não conseguem lidar com as três filhas.

O Daniel procurou trabalho de forma ilegal, pois não tem a escolaridade mínima obrigatória (9º ano). Mas procurou e bastante, porventura esforçou-se tanto ou mais que o próprio pai.

No meio de todas as suas responsabilidades, o Daniel acompanhou a gravidez da Íris, indo às consultas e aliviando algumas tarefas em casa da namorada, onde o pai é marinho e está quase sempre fora, onde a mãe é depressiva e pouco eficiente, e a irmã mais nova é depressiva e suicidária.

A filha do Daniel e da Íris nasceu e, ainda não tinha uma semana, pai e mãe vieram mostrar-me a recém-chegada. A imagem que me veio ao

espírito foi a da «Sagrada Família». Quanto mais penso nisso, mais o Daniel me aparece como um São José incansável.

Cada um continua a permanecer nas respectivas casas parentais, pois têm noção que não há possibilidades financeiras de viverem juntos, mas o projecto está formulado, e é desejado.

A Íris já arranjou trabalho, um trabalho nocturno. Decidiram que a menina ficava com o Daniel durante a noite e parte do dia em que a mãe teria que descansar. A minha fibra materna teve que se intrometer e tratei de enfatizar a importância da relação precoce com a mãe e outras frases feitas do mesmo género. A Íris assegurou-me que ele sabia cuidar da filha, ao que o Daniel acrescentou: quando ela está comigo não chora.

Tive pouco tempo para pensar neste caso, mas achei-o adequado ao tema destas Jornadas sobre a paternidade em risco, talvez por que me parece o inverso de uma paternidade em risco, embora possamos ser levados a pensar que se trata mais de uma maternidade, já que o Daniel assume papéis que culturalmente seriam os de uma mãe.

O Daniel mostra ser um dos muitos pais que desejam cada vez mais participar da vida dos filhos, e que tem a oportunidade de o fazer, pois como já foi dito no Seminário do Professor José Martinho, a mãe portuguesa mostra-se exclusiva. Embora ela também se queixe da «ausência do pai», não deixa grande espaço a este para participar da vida dos filhos.

Há bem pouco tempo li um artigo sobre os pais solteiros em Portugal, sobre a forma como organizavam a vida deles em função dos filhos, e de como tinham aprendido a lidar contra as interrogações dos outros.

Dava-se o exemplo de uma situação bastante esclarecedora sobre o que a sociedade pensa dos pais solteiros e participativos na vida dos filhos. Pai e filho iam de férias para o estrangeiro. Logo no *check-in* levantaram-se questões sobre o facto de não haver mãe a acompanhar. A polícia foi chamada para verificar se havia alguma denúncia de rapto (acontecimentos da nossa actualidade levam a estas coisas, suponho), se o poder paternal pertencia ao pai, etc. Isto coloca este pai numa situação de permanente justificação do seu papel. Quando se vê uma mãe com o filho, *cela va de soi*, como dizem tão bem os franceses.

O Daniel está a viver uma mudança fundamental da representação de si, preocupação com as mudanças que o seu corpo apresenta, que a sua mente faz surgir, aparecimento de sonhos eróticos, do desejo sexual pleno,

da escolha de objecto sexual, do experimentar várias parceiras, etc. Mas sem protestar, infatigável e com o sorriso estampado no rosto, ele optou por assumir as responsabilidades de um adulto. Será este um modo de evitar qualquer coisa ou uma forma de sublimação?

Será fazer o que o próprio pai não fez com ele, e que não fez de forma eficiente com as irmãs? Uma coisa é certa, Daniel condensou em si a difícil passagem da adolescência e a função de pai.

Bibliografia:

- Naveau (L.). (2004). « Quelle autorité aujourd'hui ? Au-delà des complexes familiaux, le malaise dans la civilisation ». In *Les Actes des rencontres du Pont Freudien*, Québec.
- Naveau (L.). (1998). « Adolescence et analyse : une sortie de l'impasse ». In *Ornicar ? Digital*.
- Stevens (A.). (1998). « L'adolescence, symptôme de la puberté ». In *Les Feuilletts du Courtil*, n°15, Champ Freudien Belgique.